



OLIVEIRA, M.M. **A utopia extensionista**; ensaios e notas. Brasília, EMBRATER, 1988. 311p.

A Extensão Rural tem sido alvo de críticas extremadas em torno, basicamente, da sua qualidade e da estrutura que a sustenta. A tendência tem sido depreciativa, em nome de um critério limitado de julgamento – a sua eficiência prática –, em razão do qual é decretada a falência do serviço, relegando-o ao destino que lhe reserva o Estado, seu “tutor”.

A rigor, a indicação mais clara dos questionamentos centra-se essencialmente numa simples oposição, que é a extensão rural oficial versus extensão rural particular, ou, mais singularmente, na nova ordem definida para o Estado pelas forças políticas atuantes, que exigem redefinições para a extensão rural.

Embora “A utopia extensionista”, oferecida por Mauro Márcio Oliveira, não proponha respostas aos inúmeros questionamentos daí decorrentes, tampouco discute ampla e profundamente a Extensão Rural nesse contexto – fatos e problemas a ela pertinentes foram selecionados com inegável atualidade.

A apresentação do livro ficou a cargo de expressiva figura do circuito extensão-pesquisa agrícola no Brasil, Dr. Romeu Padilha, que o fez dentro de uma relação profundamente afetiva com o autor e de uma intimidade admirável e organizada com a extensão. A relação de intimidade é observada também em grande parte do texto, indicando o fascínio que a extensão exerce sobre o autor. Esse fascínio revela-se a partir do próprio título, sugerindo que a relação do extensionista com o seu objeto de trabalho – a realidade rural – continua evada de expectativas intermináveis e de idealizações que extrapolam as suas possibilidades: a Extensão Rural é “A utopia extensionista”.

Organizado a partir de pequenos artigos e tentativas de ensaios escritos em diferentes momentos, e abordando questões variadas e inacabadas sem encadeamento lógico ou relação entre elas, o livro é o resultado da soma das partes, não da interação entre as mesmas. Questões e questões são tocadas aqui e retomadas ali sem preocupação de esgotá-las. Por toda parte encontram-se elementos que concorrem para o entendimento do Sistema Brasileiro de Extensão Rural, nos aspectos de sua organização interna. Três grandes temas são ordenados na primeira parte do livro, ligados à EMBRATER: política institucional, planejamento e recursos humanos. Na segunda parte, o

Autor introduz uma visão inconclusa de temas como irrigação, maquinização da agricultura, renda fundiária, etc.

Quando se pinça a abordagem sobre extensão, temática sugerida, a preocupação principal do Autor é de apresentar a redoma que a protege, privilegiando a forma, fechando-a, sem proporcionar uma discussão para fora, resvalando a compreensão do seu por quê e para quê, não a deixando cair no "puro aberto". Exprime o seu ideal na estrutura da EMBRATER, sem descer ao conteúdo e à concepção mais totalizante. Em se tratando de instituição complexa, o Autor privilegia determinadas instâncias, sem oferecer entendimento de como e para onde aponta a perspectiva que tece e simultaneamente é tecida por forças e tendências atuais. Resguarda-a de tal forma que acaba por inibir o tratamento da sua objetividade. Como o Autor não se distancia da Extensão para falar dela, ele acaba pincelando-a com a cor que ele próprio deseja.

Na verdade, o livro reflete um trabalho de engajamento efetivo do Autor com a prática da extensão e, principalmente, com a estrutura que a sustenta, sintonizando um engajamento vertical e comprometido, perceptível através das questões escolhidas, da sua abordagem e da linguagem que utilizou; não se percebe contraste entre o ator e o autor. Realça-se a ausência de unidade temática (uma das dificuldades para compreendê-lo), bem como certa "ingenuidade" no tratamento de algumas questões como, por exemplo, que "... a proposta que há de salvar a Extensão Rural... depende de carisma para se firmar" (p. 112), e abstração de outras, como "A troca de tótems", ao lado de coerência com que avalia, por exemplo, "A dimensão sócio-econômica..." (p. 147), ou equívocos e preconceitos do tipo "... desvendar é uma tarefa necessária e profundamente humana. Mas não é atividade de quem age como personagem da história e sim de quem atua como espectador e sociólogo da história" (p. 199).

Na raiz de tudo está a ausência de pressupostos. Não se identifica uma linha condutora que possibilite uma compreensão maior, seja quanto à natureza precisa da extensão, seja quanto a valores que lhe são vinculados, acentuando, de um lado, uma dignidade individual da extensão (existindo por si) e, de outro lado, sublinhando a sua subordinação a uma estrutura capaz de condicionar seus valores (existindo para).

Decorrente disso, o sistemismo é a característica marcante do livro. Essa afirmação pode ser constatada nos capítulos que traduzem as inquietações do Autor e se dirigem para os meios de administrar a extensão, não para os fins que a justifica. O horizonte do dinamismo da extensão passa a ser o horizonte do próprio sistema. Mudanças são extremamente positivas, desde que dentro do sistema, não fora dele. O planejamento, o controle de processos, a sua abrangência física, a informatização – realçados como elementos admi-

nistráveis da estrutura – são tratados pelo Autor como elementos relevantes do serviço de extensão. Modernizá-los é modernizar o sistema, o que, por consequência, é modernizar a extensão. O planejamento exercitado, ainda encaixado na verticalização (e visto de dentro para dentro), conforma-se com o princípio de rendimento (produção – produtividade) e constitui idéia basilar para a eficiência da extensão.

Percebida unilateralmente, a extensão é sacralizada nesse invólucro. Decorrente disso, a indicação que perpassa é de uma idéia “platonizante” da extensão, na medida em que o Autor passa uma razão objetiva pura que é a EMBRATER, como estruturalmente majoritária, possibilitando o aparecimento de uma razão mais universal, conceitualmente falando, mas que aparece comprimida – a extensão. A consequência natural de vê-la desse modo é ter subordinada a sua perspectiva social à obediência institucional.

Prospectivada nessa dimensão, a tendência apontada pelo Autor em algumas das suas notas é ainda do equacionamento das necessidades do agricultor e sua família na produção e produtividade, acomodando a extensão às necessidades do modelo econômico vigente, por onde todo o arcabouço alimentador da racionalidade reproducionista é fornecido.

Apesar disso, não se pode negar-lhe méritos, uma vez que o Autor estimula a formulação de questões, ainda que consideradas insidiosas, como: 1) se a Extensão Rural, que herdou de maneira torta e por múltiplas mediações a crença de redentora do campo, pode ser mantida ou intocada, quando foi fortemente identificada com a modernização? 2) como suportar o peso do compromisso firmado, se a fenda, aberta pelo modelo que a Extensão disciplinarmente ajudou, imprimiu-lhe infinita distância daquilo que deveria enfrentar? e 3) a quem, de fato, serve a Extensão Rural, e até quando?

No geral, prevalece a idéia de que o serviço de extensão dirigido ao pequeno agricultor e suas famílias, como sua opção mais recente, é capaz de isentá-los de problemas maiores, levando-os a condições de vida melhores que as que têm.

Apesar de permeado por contradições e de apresentar-se com a marca do contexto no qual foi produzido, trata-se de um livro que confere contribuição, seja porque instrumentaliza as discussões estabelecidas em torno da extensão, seja porque revela, com críticas sutis, a estrutura da casa que a abriga, sendo, portanto, positiva a sua divulgação.

Raimunda Silva d'Alencar